

A Estratigrafia do Construído como um Objeto de Inquirição

Caso de Estudo das *Insulae* VI, 3-4 do Sítio Arqueológico de Pompeia (Campânia - Itália)

David Almeida Eleuterio

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património / Universidade de Coimbra

david-alma@hotmail.com

Resumo O presente artigo tem por objetivo expor as potencialidades do estudo do desenvolvimento edificativo através da análise das unidades estratigráficas murárias que compõem as estruturas arquitetónicas pompeianas. Repercorrendo as distintas fases das intervenções de restauro efetuadas nas *insulae* 3 e 4 da *Regio VI* de Pompeia, e as submetendo à confronto, procuramos individuar as diferentes metodologias aplicadas e a sua eficiência temporal perante os agentes atmosféricos e geotécnicos, de forma a compreender as transformações orgânicas dos materiais, para otimizar futuros projetos de restauro.

Abstract This article aims to set out the potential of the study of the building development by analyzing the muraria stratigraphy units that comprise the pompeian architectural structures. Retracing the various stages of restoration interventions carried out in the *insulae* 3 and 4 of the *Regio VI* of Pompeii, and submitting to confrontation, we individuate the different methodologies and their temporal efficiency before atmospheric and geotechnical agents, in order to understand the organic transformations of the materials, to optimize future restoration projects.

INTRODUÇÃO

Na última década, os estudos pompeianísticos registaram um crescimento exponencial do número de missões arqueológicas desenvolvidas no âmbito de parcerias institucionais (COARELLI & PESANDO, 2006; JONES & ROBINSON, 2007; VERZAR-BASS & ORIOLO, 2010). Tal alteração do paradigma metodológico adveio do facto dos organismos públicos e da comunidade científica se aperceberem da eminente urgência de promover novas formas de intervenção e manutenção dos bens culturais capazes de conciliar, simultaneamente, o interesse da investigação académica, as exigências de fruição turística e as necessidades conservativas do construído arqueológico.

De facto, a alteração da vertente metodológica efetuou-se após os eventos sísmicos decorrentes nas décadas de 1970 e 1980, quando o CNPPCRS (Comité

Nacional Italiano para a Prevenção do Património Cultural do Risco Sísmico) advertiu os organismos públicos e a comunidade científica da urgência de promover novas formas de intervenção e manutenção dos bens culturais, redigindo os seguintes documentos: “Recomendação para as Intervenções sobre o Património Monumental em Zona Sísmica” (1986) e “Directivas para a Redação e Execução de Projectos de Restauro Incluindo Intervenções Antissísmicas nos Complexos Arquitectónicos de Valor Histórico e Artístico em Zonas Sísmicas” (1989). Todavia, a implementação das novas diretrizes reconhecerá os seus primeiros resultados apenas na década sucessiva.

A ESTRATIGRAFIA DO CONSTRUÍDO COMO UM OBJETO DE INQUIRIÇÃO. CASO DE ESTUDO DAS *INSULAE VI, 3-4*

O reconhecimento do estado de risco no qual se encontrava o património arqueológico vesuviano conduziu a elaboração de inovadores programas de catalogação e análise sistemática, sendo marco do dito processo a publicação do exame integral das *insulae* 3 e 4 da *Regio VI* (CAROCCI *et alii* 1990); sector de particular interesse (devido ao posicionamento e a morfologia irregular que o distinguem) para a compreensão da gestão espacial do inteiro complexo urbanístico. A esta meticulosa análise, vocacionada a distinção das sucessivas fases de ocupação/edificação, seguir-se-á nos finais da mesma década a aplicação pioneira de uma ficha de unidade estratigráfica murária, desenvolvida, prioritariamente, para documentar o estado de conservação e as exigências de intervenções de restauro (GUIDOBALDI *et alii* 1998: 217). A ficha referida, especificamente formulada segundo o modelo publicado, em 1988, pelo ICCD (Istituto Central do Catálogo e da Documentação do Ministério para os Bens Culturais), foi primeiramente aplicada a título experimental na Casa do Centauro (VI,9,3-5 e 10-12), seguida por uma campanha de catalogação que abrangeu boa parte da *Regio VI* (*idem*: 217-224).

Hoje, passadas cerca de duas décadas deste primeiro exame do estado de conservação das estruturas atinentes as *insulae* 3 e 4 da *Regio VI* de Pompeia, torna-se necessário o desenvolvimento de um novo levantamento capilar da evolução do processo de degradação sofrido pelas estruturas, o qual deve caracterizar-se por

uma perspectiva multidisciplinar de análise, capaz de conciliar os interesses de investigação académicos, as necessidades de fruição turística e, principalmente, as atuais exigências conservativas do construído arqueológico.

No seguimento da vertente metodológica proposta e inserido no âmbito do projeto de pesquisa “*Rileggere Pompei, Regio VI e Regio IX*”, institucionalizou-se o meu programa de tese doutoral, o qual se desenvolve através de uma cotutela entre a Universidade de Coimbra e a Universidade de Nápoles «*L’Orientale*», com a autorização e supervisão da SANP (Superintendência Especial para os Bens Arqueológicos de Nápoles e Pompeia). O atual programa consiste em interligar ao estudo da estratigrafia murária, uma análise espacial/estatística das *insulae* VI, 3-4, visando compreender o desenvolvimento urbanístico desde estratégico sector da *Regio* VI, de forma a criar novos e específicos mecanismos de tutela e salvaguarda (figura 1 e 2).

ABORDAGEM DA PESQUISA E METODOLOGIA

A nível metodológico desenvolvemos, especificamente destinado ao atual programa de tese doutoral, um novo modelo de ficha UEM (Unidade Estratigráfica Murária), cuja estrutura adotada concilia contemporaneamente: as diretrizes propostas na atual ficha UEM disponibilizada pelo MIBAC (Ministério Italiano para os Bens e Atividades Culturais); os “Princípios de Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico” referidos na carta publicada pelo ICOMOS, em 2003; as “Diretrizes para a Valorização e Redução do Risco Sísmico no Património Cultural”, emitidas em 2007, pela DGBAP (Direção Geral para os Bens Arquitectónicos e Paisagísticos do Ministério Italiano para os Bens e Atividades Culturais); as indicações propostas por Maurizio Cattani e Andrea Fiorini (CATTANI & FIORINI, 2004: 329), uma vez que os autores citados conciliam uma abordagem topológica aos tradicionais modelos desenvolvidos por Roberto Parenti (PARENTI, 1990; 2002) e Gian Pietro Brogiolo (BROGIOLO, 1997). Além de, na elaboração da supracitada ficha UEM, ainda termos em linha de conta os protótipos de ficha formulados pelo Laboratório de Arqueologia da Arquitetura da Universidade de Bolonha (figura 3).

Desta forma, para cada estrutura murária atribuímos uma numeração de série e uma ficha de registo dos dados que advêm da análise *in situ*. Entre os elementos catalogados dá-se particular atenção aos materiais construtivos que demonstram ser provenientes de contextos de recuperação e sucessiva reutilização, os quais possam auxiliar no estabelecimento de um *terminus a quo* das estruturas, ou de uma unidade estratigráfica da mesma. Os dados provenientes desta recolha são manipulados por meio de uma base de dados, cuja finalidade consiste em desenvolver (através do cruzamento das diferentes categorias de informação) um suporte estatístico/cartográfico, que sucessivamente possibilitar-nos-á auferir, de forma consistente, a interação entre os espaços construídos nas diversas fases de desenvolvimento urbano.

Já no que se refere a definição da área sob avaliação, a escolha foi ponderada considerando três critérios fundamentais. Primeiramente, por este segmento urbano conglobar edifícios que se destinariam às atividades de carácter habitacional, comercial e produtivo; oferecendo um contributo para o estudo das relações entre o domínio público e privado, vertente em voga nos estudos vesuvianos (MONTEIX, 2008). Em segundo lugar, por dispormos de um primeiro exame do estado de conservação das estruturas atinentes as *insulae* 3 e 4 da *Regio* VI (CAROCCI *et alii* 1990), o qual nos possibilita avaliar as transformações decorridas com o passar de duas décadas. Em terceiro lugar, por se tratar de um sector nevrálgico de circulação turística do complexo arqueológico, estando assim sujeito, a constante ação antrópica. O fluxo turístico, que trafega prioritariamente pela *Via Consolare* - principal eixo de circulação entre o Fórum Civil e a Vila dos Mistérios - acarreta consigo um agravamento suplementar na ação de desgaste das estruturas.

Devermos ainda recordar que Pompeia nos dá a oportunidade de reconstituir o ciclo produtivo da seleção dos materiais, desde a fase de extração, até as múltiplas técnicas de construção (DESSALES,2011:62). Além disso, é-nos possível ainda, através da análise diacrónica das técnicas e dos materiais construtivos empregues nas fases urbanas de Pompeia avaliar a aquisição de conhecimentos técnicos por parte dos *structores* e *tectores*, com vista a solucionar problemas de ordem estática, aprimorar ou rentabilizar reestruturações e pontuais intervenções de restauro (DESSALES,2011:51-62). Por conseguinte, a metodologia aplicada neste projeto busca, através da identificação dos procedimentos de restauro efetuados no

passado, desenvolver mecanismos e soluções adaptadas à realidade presente, de forma a otimizar as futuras técnicas de intervenção.

Em síntese, a pertinência do projeto doutoral, assim como o método adotado, advêm do seguimento das diretrizes estabelecidas pela DGBAP, a qual define que as avaliações dos edifícios históricos devem partir de programas executados por meio de uma estreita colaboração com as instituições universitárias (BROGIOLO,2008:9). Contudo, hoje, ainda se verificam consideráveis entraves legislativos nas atuais políticas responsáveis pela salvaguarda do património arqueológico italiano (BROGIOLO,2012: 269-272).

A ESPECIFICIDADE DA ARQUITETURA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS VESUVIANOS

Na elaboração do quadro metodológico, não poderíamos deixar de considerar preliminarmente as especificidades do património arquitetónico em causa, o qual se encontra plenamente inserido na paisagem urbana vesuviana. As cidades em ruínas por antonomásia, designação que de facto lhes é atribuída (PESANDO, 2011: 10), advêm não apenas de uma visão literária, historiográfica e iconográfica desenvolvida ao longo dos últimos 250 anos de visitaçao dos sítios arqueológicos vesuvianos, mas também concerne em si o longo percurso de interpretação e intervenção efetiva sobre as estruturas arquitetónicas que compõem este mesmo património. Em síntese, qualquer intervenção moderna sobre o património edificado deve partir do pressuposto que este é uma composição de antiguidade e modernidade (WALLACE-HADRILL *et alii* 2008: 409), reconhecimento ao qual são inerentes os quatro parâmetros subsequentes.

Problemas de Conservação Estrutural

O património histórico-arquitetónico e arqueológico vesuviano é exposto à um contínuo processo de degradação. No caso específico de Pompeia, estamos perante um recurso não renovável e insubstituível, ao qual concomitantemente ao processo entrópico de degradação se associa ação antrópica provocada pela crescente fruição turística. Sendo o referido processo irreversível, cabe aos atuais mecanismos de tutela efetuar um contínuo controlo, por meio de intervenções de restauro que

reduzam ou retardem este processo. Na última década, em Pompeia, tais medidas têm vindo assumir cada vez mais um carácter extraordinário, considerando o estado de conservação do complexo arqueológico, o qual dispõem de 242.000 m² (equivalentes à 55.000 m³) de superfície murária dispersa por 44 hectares, o qual já previamente necessitava de urgente intervenção (LONGOBARDI, 2002: 118-126).

Por essa razão, o atual projeto de pesquisa doutoral conjuga um levantamento sistemático dos aspetos morfológicos, geotécnicos, sísmicos e antrópicos, cuja finalidade consiste na análise quantitativa do risco e da vulnerabilidade atual das estruturas presentes nas *insulae* 3 e 4 da *Regio* VI. A recolha dos dados apresentados possibilitar-nos-á uma correta aferição dos processos mecânicos do terreno, por forma a examinar, interpretar e datar variações nas arquiteturas (colapso de estruturas, deslocamentos de materiais nas unidades estratigráficas, demolições, ampliamentos, restauros precedentes,...). A metodologia proposta potencializará não apenas um conhecimento pormenorizado das transformações orgânicas decorrentes nas sucessivas fases edificativas dos edifícios, mas também uma fonte de informação considerável para os restantes unidades arquitetónicas do sítio arqueológico.

Diversidade de Materiais de Construção

Os materiais construtivos e as técnicas de construção, em Pompeia, são argumento corrente de publicação no âmbito dos estudos pompeianísticos. Porém o estado atual da pesquisa, como nos adverte Jean Pierre Adam, nos impossibilita de datar as fases de desenvolvimento urbano em base aos diferentes materiais nelas empregues (ADAM, 2007: 99).

No caso específico das *insulae* 3 e 4 da *Regio* VI identificamos uma complexa estratigrafia construtiva. Primeiramente, devido ao facto de estarmos perante um sector urbano no qual estão compreendidos edifícios de carácter habitacional, comercial e produtivo; e, em segundo lugar, considerando o amplo número de técnicas construtivas executadas, que empregam diferentes materiais de construção: calcário do Sarno, tufo de Nocera, tufo de Campi Flegrei, além de outras rochas de origem vulcânica. Entretanto, dentre as diversas técnicas construtivas, verificamos para a área de estudo o predomínio do *opus incertum*. Já no que concerne a cronologia das estruturas, ao momento tudo parece indicar um

desenvolvimento análogo ao das demais *insulae* adjacentes, com uma datação posterior ao III século a.C. (PESANDO *et alii* 2010: 11-14; PESANDO, 2013: 122-123). São ainda visíveis profundas reestruturações internas datáveis a partir do I século a.C. e consideráveis intervenções de restauro posteriores ao evento sísmico do 62/63 d.C.

Processo Histórico do Restauro

O reconhecimento da necessidade de desenvolver mecanismos de carácter conservativo representou nas últimas décadas uma prioridade constante da tutela dos sítios arqueológicos vesuvianos. De facto, não apenas a superintendência arqueológica, mas também os investigadores académicos e os profissionais do património reconheceram a obrigação de proteger o valor científico dos vestígios arqueológicos (SIVAN, 1997: 52). Este diálogo entre os órgãos e os agentes responsáveis pela tutela tem conduzido a um crescimento qualitativo das medidas implementadas, não se opondo Pompeia à esta nova realidade. Recentemente, alguns sectores urbanísticos têm sido alvo de consideráveis programas de restauro, sendo exemplo de referência o caso dos edifícios que compõem a *Insula Occidentalis* (CANDELA, 2007: 136-139), sector situado no quadrante ocidental da área de estudo no programa doutoral inquerida.

Já no que concerne o atual estado de conservação das *insulae* VI, 3-4, o mesmo é resultado de profundas intervenções de restauro, conduzidas maioritariamente após os bombardeamentos decorridos em 1943, particularmente nas estruturas atinentes a *insula* 4 (GARCÍA Y GARCÍA, 2006: 75). Este cenário induz o atual programa doutoral a executar uma avaliação segundo diferentes níveis de detalhe considerando as especificidades das diversas estruturas murárias. O grau analítico, mesmo seguindo um modelo padronizado, se adapta as diversas situações de forma a disponibilizar uma leitura detalha em vista de futuros programas de restauro. O exame aqui apresentado, que unifica os métodos de levantamento arquitetónico e arqueológico, é conciliado a um levantamento histórico-arquivístico das intervenções até a presente data levadas a término.

Problemas Contemporâneos de Conservação

Atualmente, o plano de gestão UNESCO em vigor à Pompeia rechama para além da contínua iniciativa ordinária uma vasta campanha extraordinária de intervenção, a qual possui o objetivo de minimizar o atual estado de degrado das estruturas e, contemporaneamente, criar novos mecanismos capazes de proporcionar uma via de desenvolvimento sustentável. De facto, sustentabilidade é o argumento central apresentado nos recentes estudos de Roberto Cecchi e Paolo Gasparoli (CECHII, 2011; CECHII & GASPAROLI, 2011).

No seguimento desta vertente, as principais variantes a serem urgentemente quantificáveis no processo de desgaste das estruturas são o avançado estado de bio deterioramento das superfícies murárias, as quais devido a exposição aos agentes atmosféricos têm sofrido irreversíveis danos (VILLANI *et alii* 2007: 185-186), bem como o elevado risco hidrogeológico e sísmico ao qual se encontram sujeitos os edifícios, muito embora os esforços preventivos e em matéria de segurança efetuados nos últimos anos pela tutela (BIASIOTTI, 2007: 56-57). Em síntese, devemos ponderar que em Pompeia o atual fundo de investimento extraordinário não pode representar um evento pontual, mas sim um procedimento modelo de contínua manutenção do sítio arqueológico.

ASPETO INOVADOR DA PESQUISA

O programa a que nos propomos se apresenta como uma proposta inovadora, uma vez que introduz na análise das estruturas edificadas um estudo diagnóstico, em vista de ministrar futuros procedimentos de restauro. A proposta de intervenção que será formulada, terá prioritariamente em atenção as actuais exigências e normativas da tutela, bem como as necessidades de circulação turística e as especificidades morfológicas das estruturas arquitectónicas pertencentes as duas *insulae* em questão. Neste seguimento, o programa doutoral que conduzimos executa um exame do estado actual de conservação das unidades murárias, o qual considera desde a fase de catalogação - através de um novo modelo de ficha UEM - os múltiplos sistemas construtivos adotados ao longo das sucessivas fases urbanas.

Na formulação do projeto foi previsto, concomitantemente, a realização de um estudo topológico capilar de todas as unidades arquitectónicas. No que concerne a

validade de implementarmos um exame espacial/estatístico, esta advém do êxito comprovado desta metodologia em âmbito pompeianístico, tando ao nível do processo de estruturação interna das *insulae* (GRAHAME, 2000; LAURENCE, 1994; WALLACE-HADRILL, 1994), quanto no que concerne à constituição complexiva das principais vias de circulação (KAISER, 2011; POEHLER, 2006; WEILGUNI, 2011). A eficácia da aplicação desta linha metodológica foi inclusive apreciada no recente programa doutoral conduzido por Hanna Stöger em Ostia (STÖGER, 2011: 19-40).

Outro parâmetro que torna o nosso programa de análise arquitetónica inovador é que este tem em linha de consideração o facto de cada estrutura murária ser um objeto a três dimensões, o qual possui consistência espacial. Esta referência assume relevância, uma vez que a sequência e a sobreposição de cada secção murária devem ser compreendida não apenas em sentido vertical, mas também horizontal (BROGIOLO, 1997: 182). Fator que requer uma análise volumétrica de cada estrutura murária e das relações de conexão desta com as demais estruturas coetâneas, que compõem cada ambiente, e das relações espaciais entre os ambientes e a superfície total do edifício, assim como a integração dos edifícios na rede urbana de Pompeia.

Dessa forma, privilegiamos um programa de estudo que considera desde a menor unidade de análise o seu carácter espacial. Uma vez que entendemos que o ato de conservar e restaurar exige, preliminarmente, um profundo conhecimento das interações sociais com o espaço construído, que decorrem não apenas entre cada singular estrutura que compõem um dado espaço, mas também no curso das relações que estas estabelecem entre si, uma vez que as mesmas geram transformações e redefinem continuamente a rede espacial examinada nas distintas fases do seu desenvolvimento edificativo.

PRIMEIROS RESULTADOS E TRABALHO FUTURO

Nesta fase do programa doutoral concentramos a nossa ação no quadrante setentrional da *insula* VI,3 e em específico no exame dos edifícios VI 3,3.27-28 e VI 3,7.25-26. Dentre os parâmetros a serem considerados advém o facto do edifício VI 3,3.27-28 não representar um exemplo isolado a Pompeia, sendo confrontável com outras unidades arquitetónicas do complexo urbanístico (MONTEIX *et alii* 2011: 306-313), apesar disso, estamos perante uma das estruturas desta tipologia de cronologia

mais baixa identificadas em Pompeia. De facto, os trabalhos de desterro de ambos os edifícios datam entre os anos de 1809-1810 (FIORELLI, 1862: 23-35).

Os primeiros resultados apontam para uma profunda reestruturação pós-sísmica (62/63 d.C.) do edifício VI 3,3.27-28, indício este de como eventos de ordem natural podem contribuir na tomada de decisão de projetos de amplo espectro de reorganização do espaço. Nesta nova perspectiva, o terremoto do 62/63 d.C. poderia ser relido como uma fase de novas conceções espaciais que contribuíram a consideráveis alterações na planimetria urbana de Pompeia.

Porém, para que possamos verificar a validade de tal proposição, nos encontramos a examinar a unidade arquitetónica adjacente VI 3,7.25-26 segundo os mesmos parâmetros. Para já, os resultados indicam uma considerável anomalia no segmento central da habitação, o qual segue um alinhamento dissonante dos demais sectores da *insula* 3. Esperamos a breve termo clarificar esta afirmação e, dessa forma, compreendermos o progressivo processo de desenvolvimento do edifício e a maneira como este se interconecta aos demais sectores edificados das *insulae* 3 e 4 da *Regio* VI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje Pompeia está aberta a fruição turística segundo o sistema adotado pela indústria cultural de massas, processo que confronta com as necessidades de manutenção e conservação do complexo arqueológico, conforme reconhecem associações culturais específicas como o ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), o AIAR (Associação Italiana de Arqueometria) e o ARCo (Associação para a Recuperação do Construído). Sendo que a perspectiva de abordagem proposta defende que a contraposição metodológica entre exigência turística e técnico-científica não deve dar lugar a intervenções conceptualmente impróprias e materialmente evasivas, mas sim proporcionar sustentabilidade e possibilitar um desenvolvimento a médio e longo prazo, processo que acreditamos ser passível de obtenção. Em vista deste objetivo, o atual programa doutoral foi concebido consciente do estado histórico-científico vigente da conservação e planificou o seu percurso de ação respeitando as propriedades dos materiais, tanto na projeção preliminar, como nas etapas já em fase de execução.

Como é passível de observação, o estudo apresentado nesta sede se encontra em fase de desenvolvimento, fator que nos impossibilita de apresentar uma proposta interpretativa conclusiva acerca do processo de estruturação espacial das *insulae* 3 e 4 da *Regio* VI. Porém, cremos que o sector em causa possui um interesse singular de análise visto a sua implantação nevrálgica na planimetria urbanística, não apenas para a entendimento da inteira articulação da *Regio* VI, mas para a melhor compreensão da inter-relação espacial existente entre as estruturas arquitetónicas que compõem os edifícios comerciais, habitacionais e produtivos distribuídos pela rede urbana de Pompeia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.-P. 2007. Building, Materials, Construction Techniques and Chronologies. In Dobbins, J. & Foss, P. (eds.) *The World of Pompeii*. London and New York: Routledge: 98-113.

BIASIOTTI, A. 2010. Training Through Simulation Exercises: Salvaging Cultural Heritage in Pompeii (Italy). In *Managing Disaster Risks for World Heritage*. Rome: ICCROM.

BROGIOLO, G. 1997. Dall'Analisi Stratigrafica degli Elevati all'Archeologia dell'Architettura. In *Archeologia dell'Architettura 2*. Firenze: All'Insegna del Giglio:181-184.

BROGIOLO, G. 2008. Procedure di Documentazione e Processi Interpretativi dell'Edilizia Storica alla Luce delle Linee Guida per la Valutazione del Rischio Sismico del Patrimonio Culturale. In *Archeologia Medievale XIII*. Firenze: All'Insegna del Giglio:9-13.

BROGIOLO, G. 2012. Archeologia Pubblica in Italia: Quale Futuro? In *Editorial Post-Classical Archaeologies 2*: 269-278.

CANDELA, M. 2007. Dispositivi Speciali per la Messa in Sicurezza dell'Insula Occidentalis. In *Rivista di Studi Pompeiani 18*. Roma: «L'Erma» di Bretschneider: 136-139.

CAROCCI, F., DE ALBENTIS, E., GARGIULO, M., PESANDO, F. (eds) 1990. *Le Insulae 3 e 4 della Regio VI di Pompei - un'Annalisi Storico - Urbanistica*. Roma: «L'Erma» di Bretschneider.

CATTANI, M., FIORINI, A. 2004. Topologia: Identificazione, Significato e Valenza nella Ricerca Archeologica. In *Archeologia e Calcolatori 15*. Firenze: All'Insegna del Giglio: 317-340.

CECCHI, R. 2011. *Pompei Archaeologica. Progetto di Conservazione e Fruizione del Patrimonio Archeologico*. Roma: MIBAC.

CECCHI, R., GASPAROLI, P. (eds) 2011. *La Manutenzione Programmata dei Beni Culturali Edificati. Procedimenti Scientifici per lo Sviluppo di Piani e Programmi di Manutenzione. Casi Studio su Architetture di Interesse Archeologico a Roma e Pompei*. Firenze: Alinea.

COARELLI, F. & PESANDO, F. (eds) 2006. *Rileggere Pompei. L'Insula 10 della Regio VI*. Studi della Soprintendenza Archeologica di Pompei 12. Roma: «L'Erma» di Bretschneider.

DESSALES, H. 2011. Les Savoir-faire des Maçons Romains, entre Connaissance Technique et Disponibilité des Matériaux. Le Cas Pompéien. In MONTEIX, N.; TRAN, N. (eds.) *Les savoirs professionnels des gens de métier*. Collection du Centre Jean Bérard, 37. Napoli: 41-63.

FIORELLI, G. 1862. *Pompeianarum Antiquitatum Historia II*. Napoli.

GARCÍA Y GARCÍA, L. 2006. *Danni di guerra a Pompei. Una dolorosa vicenda quasi dimenticata*. Studi della Soprintendenza Archeologica di Pompei 15. Roma: «L'Erma» di Bretschneider.

GRAHAME, M. 2000. *Reading Space: Social Interaction and Identity in the Houses of Roman Pompeii*. BAR International Series 886. Oxford: Basingstoke Press.

GUIDOBALDI, M., PESANDO, F., VARONE, A. 1998. Variazioni di Proprietà nell'Insula VI, 9. Indagine Preliminare: Casa del Centauro. In *Rivista di Studi Pompeiani* 9. Roma: «L'Erma» di Bretschneider: 217-229.

ICOMOS 2003. *ICOMOS Charter - Principles for the Analysis, Conservation and Structural Restoration of Architectural Heritage*. Zimbabwe: ICOMOS.

JONES, R. & ROBISON, D. 2007. Intensification, Heterogeneity and Power in the Development of *Insula VI, I*. In DOBBINS, J. & FOSS, P. (eds.) *The World of Pompeii*. London and New York: Routledge: 389-406.

KAISER, A. 2011. *Roman Urban Street Networks*. London and New York: Routledge.

LAURENCE, R. 1994. *Roman Pompeii: Space and Society*. London and New York: Routledge.

LONGOBARDI, G. 2002. *Pompei Sostenibile*. Studi della Soprintendenza Archeologica di Pompei 5. Roma: «L'Erma» di Bretschneider.

MIBAC DGBAP 2007. *Linee Guida per la valutazione e riduzione del rischio sismico del patrimonio culturale*. Roma: Gangemi Editore.

MONTEIX, N. 2008. *L'Insula Orientalis II^a d'Herculanum* entre Construction Publique et Transformations Privées. In CAMPOREALE, S; DESSALES, H.; PIZZO, A. (eds.) 2008. *Arqueología de la Construcción II. Los Procesos constructivos en el*

Mundo Romano : Italia y Provincias Orientales. Anejos de Archivo Español de Arqueología LVII. Mérida: 213-232.

MONTEIX, N. (ed.) 2011. Pompéi, Pistrina: Recherches sur les Boulangeries de l'Italie Romaine. In *MEFRA* 123 (1). Rome: École Française de Rome: 306-313.

PARENTI, R. 1990. Il Metodo Stratigrafico e l'Edilizia Storica. In *Atti del Convegno «Il Modo di Costruire»*, 6-7-8 Giugno 1988. Roma: 297-309.

PARENTI, R. 2002. Dalla Stratigrafia all'Archeologia dell'Architettura. Alcune Recenti Esperienze del Laboratorio Senese. In *Arqueologia de la Architectura* 12. Firenze: All'Insegna del Giglio: 73-82.

PESANDO, F. (ed.) 2010. Rileggere Pompei III. Ricerche sulla Pompei Sannitica. Campagne di Scavo 2006-2008. *Quaderni di Studi Pompeiani, Associazione Internazionale «Amici di Pompei»* 4. Pompei: Editoriale Litografia Scignano.

PESANDO, F. 2011. *Ruinae et Parietinae Pompeianae*. Distruzioni e Abbandoni a Pompei all'Epoca dell'Eruzione. In *Vesuviana*. Roma: Fabrizio Serra Editore: 9-30.

PESANDO, F. 2013. Pompei in età sannitica. Tipologia, uso e cronologia delle tecniche edilizie, in Cifarelli, F. (ed.) *Tecniche costruttive del tardo ellenismo nel Lazio e in Campania* (Atti del convegno Segni, 3 dicembre 2011). Roma: 117-126.

POEHLER, E. 2006. The Circulation of Traffic in Pompeii's Regio VI. *Journal of Roman Archaeology* 19: 53-74.

SIVAN, R. 1997. The Presentation of Archaeological Sites. In TORRE, M. (ed.) *The Conservation of Archaeological Sites in the Mediterranean Region*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute: 51-59.

STÖGER, H. 2011. *Rethinking Ostia: A Spatial Enquiry into the Urban Society of Rome's Imperial Port-Town*. Archaeological Studies Leiden University 24. PhD thesis. Leiden: Leiden University Press.

VERZAR-BASS, M., ORIOLO, F. 2010. *Rileggere Pompei II. L'Insula 13 della Regio VI*. Studi della Soprintendenza Archeologica di Pompei 30. Roma: «L'Erma» di Bretschneider.

VILLANI, F. (ed.) 2007. Studio sul Biodeterioramento degli Scavi Archeologici di Pompei ed Ercolano. In *Rivista di Studi Pompeiani* 18. Roma: «L'Erma» di Bretschneider: 185-186.

WALLACE-HADRILL, A. 1994. *Houses and Society in Pompeii and Herculaneum*, Princeton: Princeton University Press.

ELEUTÉRIO, David. *A Estratigrafia do Construído como um Objeto de Inquirição. Caso de Estudo das Insulae VI, 3-4 do Sítio Arqueológico de Pompeia (Campânia – Itália)*. **Atas do IX Encontro Nacional de Estudantes de História**, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital, 2014, p. 15-30, *eBook*

WALLACE-HADRILL, A., GUIDOBALDI, M., CAMARDO, D., MOESCH, V. 2008. *Le Ricerche Archeologiche nell'Ambito dell'Herculaneum Conservation Project*. In GUZZO, P., GUIDOBALDI, M. (eds.). *Nuove Ricerche Archeologiche nell'Area Vesuviana (Scavi 2003-2006)*. Studi della Soprintendenza Archeologica di Pompei 25. Roma: «L'Erma» di Bretschneider: 409-424.

WEILGUNI, M. 2011. *Streets, Spaces and Places. Three Pompeiian Movement Axes Analysed*. PhD thesis. Uppsala: Uppsala Universitet.

